

ESPIRONOLACTONA

DIURÉTICO

FÓRMULA MOLECULAR

$C_{24}H_{32}O_4S$

PESO MOLECULAR

416,57 g/mol

CAS

52-01-7

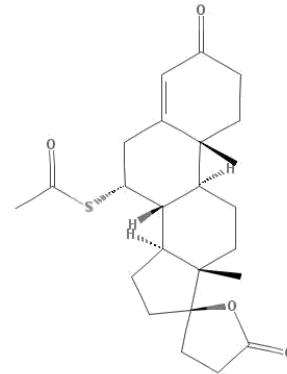
DCB

03561

CLASSE

Diurético poupador de potássio

ESTRUTURA QUÍMICA



INDICAÇÃO

A espironolactona é utilizada para o tratamento da hipertensão e da congestão causada pela insuficiência cardíaca. Aprovada na Europa para cães, para ser usada como terapia-padrão para o tratamento da insuficiência cardíaca congestiva causada por doença valvar. Também é usada no controle da cirrose hepática, por inibir a formação de ascite causada pelo excesso de aldosterona.

MECANISMO DE AÇÃO

Atua inibindo a ação da aldosterona nos túbulos distais, reduzindo a perda de potássio pela urina.

FARMACOCINÉTICA

A biodisponibilidade oral é de aproximadamente 50%, podendo aumentar para 90% quando administrada com alimento. A espironolactona é rapidamente e completamente metabolizada pelo fígado nos seus metabólitos e, excretada principalmente através dos seus metabólitos. Após administração oral de espironolactona com marcadores radioativos ao cão, 70% da dose é recuperada nas fezes e 20% na urina.

EFEITOS ADVERSOS

Pode produzir hipercalemia em alguns pacientes. Altas doses e o uso prolongado podem produzir efeitos similares a esteroides. Foi relatada dermatite facial na administração a gatos, o mecanismo destas reações é desconhecido.

CONTRAINDICAÇÕES

Não utilizar em pacientes desidratados. Não administrar a pacientes com úlceras gástricas ou que tenham tendência a doenças gástricas como gastrite ou diarreia. Não administrar a cães que sofram de hipoadrenocorticism, hipercalemia ou hiponatremia. A segurança da espironolactona não foi avaliada em cadelas gestantes e lactantes. Recomenda-se não administrar durante a gestação e lactação.

INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS

A administração concomitante de espironolactona com inibidores da ECA e outros poupadores de potássio pode, potencialmente, conduzir a hipercalemia. No entanto, a espironolactona é frequentemente utilizada com inibidores da ECA. Usar com cautela com outros medicamentos que aumentam as concentrações de potássio como trimetoprima e AINES. A espironolactona diminui a eliminação de digoxina e, portanto, aumenta a concentração plasmática de digoxina.

ESPIRONOLACTONA

DOSES

CÃES e GATOS: 1-2mg/kg, via oral, a cada 12 horas.

FARMACOTÉCNICA

Sugestão de excipientes:

Cápsulas: Estearato de magnésio 0,5%, lauril sulfato de sódio 1%, celulose q.s.p.

Suspensão: Levigar com 5% glicerina, adicionar 30% de suspensão aquosa de CMC 1% e completar o volume com xarope. Ajustar o pH final para cerca de 4,5. Recomenda-se utilizar um sistema antioxidante.

MODO DE CONSERVAÇÃO

Conservar em temperatura ambiente de 15 a 30°C, ao abrigo da luz direta e da umidade.

REVISÃO DE LITERATURA

BERNAY et al., 2010

Avaliaram a eficácia da espironolactona sobre a sobrevivência em cães com regurgitação mitral de ocorrência natural, causada por doença mitomatosa mitral. Concluíram que a espironolactona adicionada à terapia cardíaca convencional diminuiu o risco de atingir o desfecho primário (ou seja, morte cardíaca relacionada, eutanásia ou piora grave) em cães com regurgitação mitral de ocorrência natural, causada por doença mitomatosa mitral.

ABBOTT; SAKER, 2006

Avaliaram a farmacodinâmica da espironolactona em gatos. Administraram uma dose média de 2,7 mg/kg, V.O., BID a 9 gatos saudáveis, durante 7 a 9 dias. Foram avaliados antes da administração de espironolactona e novamente aproximadamente 12 horas após a administração da dose final. Concentrações plasmáticas de espironolactona e do metabólito canrenona foram determinados por HPLC. Após a administração de espironolactona, a concentração média de espironolactona no soro foi de 50 ng/mL e a concentração de canrenona foi de 65 ng/mL. Concluíram que a administração a curto prazo de espironolactona a uma dose média de 2,7 mg/kg, V.O., BID é associada a alterações nas variáveis químicas séricas e concentrações de espironolactona e canrenona.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, J. A.; SAKER, K. E. Serum chemistry variables of healthy cats receiving spironolactone. In: *Journal of Veterinary Internal Medicine*, p. 776-777, 2006.

ANDRADE, S. F. **Manual de Terapêutica Veterinária: Consulta Rápida**. 1 ed. Rio de Janeiro: Roca, 2017. 569 p.

BERNAY, F. et al. Efficacy of spironolactone on survival in dogs with naturally occurring mitral regurgitation caused by myxomatous mitral valve disease. **Journal of Veterinary Internal Medicine**, v. 24, n. 2, p. 331-341, 2010.

FERREIRA A. O.; POLONINI, H. C.; BRANDÃO, M. A. F. **Guia Prático da Farmácia Magistral**. Vol. 1. 6 ed. Juiz de Fora: Editar, 2023. 736 p.

GABARDO, C. M.; PIAZERA, R. D. A.; CAVALCANTE, L. **Manual da Farmácia Magistral Veterinária**. 1 ed. Cambé: Segura Artes Gráficas, 2019. 509 p.

PAPICH, M. G. **Papich Handbook of Veterinary Medicine**. 5. ed. St. Louis: Elsevier, 2020. 1026 p.

PAPICH, M. G. **Manual Saunders Terapia Veterinária - Pequenos e Grandes Animais**. Tradução: Sílvia M. Spada et. al. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 858 p.

ESPIRONOLACTONA

PLUMB, D. C. **Veterinary Drug Handbook**. 7ª ed. Stockholm: Pharma Vet., 2011. 4053 p.

VIANA, F. A. B. **Guia Terapêutico Veterinário**. 4 ed. Lagoa Santa: CEM, 2019, 528 p.